

**E eles viveram
(in)felizes
para sempre**

E eles viveram (In)felizes para sempre
2023 Rosane Trapaga - Psicanalista
Publicação do Instituto Psicanálise em Movimento



Todos os direitos reservados ao Instituto
Psicanálise em Movimento

Sumário

1. Apresentação
2. O relacionamento da histérica e do obsessivo
3. Qual a posição da estrutura histérica
4. E o obsessivo?
5. O que é mais singular em você?
6. O que então dizer do par sintomático a histérica e o obsessivo?
7. Fantasia
8. Campo do Sujeito
9. Como a histeria se manifesta nos tempos atuais?
10. Existe uma saída para esse casal?
11. O trabalho analítico
12. Como seria o final de uma análise para Lívia e Paulo?

O sofrimento gerado pelas relações amorosas é causa de demanda terapêutica, na clínica psicanalítica, esse livro se propõe interrogar em que sentido o parceiro afetivo relacional e sexual pode vir a constituir um sintoma para o sujeito.

Como psicanalista procuro mostrar como se constitui a mente do indivíduo, concebido como um ser de vínculos e, não somente como se forma e organiza a psique, mas também e, sobretudo, o que representa estar imerso em um mundo vincular, especialmente nos relacionamentos afetivos.

Amar e relacionar-se é ter de se haver com a frustração que a desilusão de não se ter a mesma fantasia provoca, mas também é ter de se deparar com a beleza do incerto e do inesperado do outro.

As interações, os vínculos, os afetos, as alianças e os compromissos que resultam do amor dão sentido às nossas vidas.

A experiência emocional é vincular quando observamos a possibilidade de uma relação amorosa com o gancho sintomático entre histeria e neurose obsessiva.

Toda relação amorosa é formada pelos nossos desejos, fantasias, pelo que gostaríamos de ter e ser, por nossas dificuldades emocionais, sentimentos de perda, desamparos, desejo de ser amparado, ter uma referência, pelos nossos sintomas, pelo que em nós é sintomático. Ela vem com a marca da nossa história, não é um clique com alguém que não tem nada a ver comigo, está marcado pelo percurso da nossa vida.

É através do amor que vamos tentar se encontrar e relacionar com alguém.

E o que torna possível um determinado encontro?

Porque as grandes paixões envolvem uma impossibilidade?

Porque os encontros parecem sempre impossível?

Através do par sintomático Livia e Paulo vamos navegar pelo mar tenebroso, acompanhados dos dramas pessoais, que podem afundar o relacionamento e mergulhá-los numa escuridão onde naufragam nas ondas ferventes.

Um relacionamento de casal inicia com admiração mútua e se deteriora à medida que vão destruindo um ao outro, cada um é capaz de destruir o que mais admira na sua companheira ou no seu companheiro: sua alegria, a sedução, o ciúmes pode ganhar contornos de controle e desqualificação.

Ambos tornam-se amargos, ansioso, depressivos, vingativos, invejosos.

Destroem o que mais admiravam e se distanciam através da submissão, da manipulação, do autoritarismo.

Tal destruição é encenada, testemunhada e vivida com sofrimento pelos filhos do casal.

Essa foi ou é sua forma de ser relacionar?

Alguém em algum lugar no mundo, nesse momento está vivendo algo nesse sentido.

Cada um de nós dentro da relação conjugal leva para o relacionamento um história de vida, uma forma de pensar o mundo e suas relações, formadas a partir de seus vínculos familiares e de infância.

No encontro do casamento, ou das diferentes configurações de convivência: união estável, relacionamento aberto, essas percepções individuais se chocam com as percepções e vivências do outro, gerando conflitos constantes, alguns intermináveis.

Ao considerar o sofrimento gerado pelas relações amorosas como causa de demanda terapêutica, na clínica psicanalítica, procuro interrogar em que sentido o parceiro sexual pode vir a constituir um sintoma para o sujeito?

O livro aborda o sofrimento gerado pelas relações amorosas entre sujeitos obsessivos e histéricos, com base na teoria psicanalítica lacaniana do parceiro sintoma.

Para a psicanálise, a constituição do Sujeito é algo complexo, que começa, na melhor das hipóteses, pelo desejo dos pais.

Mais adiante, ficará também a cargo dos pais a mediação, para o filho, no que diz respeito à ordem simbólica: pode-se, então, falar de Outro paterno ou de Outro materno.

Muito se enfatiza, nos dias de hoje, a hereditariedade ou herança, mas esses termos ficam reduzidos ao que é da ordem da Biologia, ou da Genética.

A psicanálise, porém, leva em consideração a herança simbólica. Algo que passa dos pais para os filhos, mas em outro nível.

Qual seria a essência dessa herança simbólica?

Dizendo rapidamente algo que não é simples, trata-se de um significante que é capaz de organizar o mundo do Sujeito e de representá-lo.

Representá-lo para quem?

Para o Outro.

Numa segunda abordagem, o Outro pode ser definido como a ordem simbólica tal como é apreendida pelo Sujeito.

O Outro é o Outro do Sujeito, que pode encontrar várias encarnações possíveis: o pai, a mãe, o médico, o professor, o juiz, o delegado, o prefeito, o padre, etc., etc.

Na herança simbólica, há um significante-chave. Lacan designou-o como o significante do Nome-do-Pai.

Fazendo um paralelo, eu diria que o Nome-do-Pai é o DNA da herança simbólica.

Por outro lado, as três estruturas clínicas: neurose, psicose e perversão dependem exatamente das vicissitudes da herança simbólica, isto é, de como ocorreu a inscrição do significante do Nome-do-Pai.

O Nome-do-Pai é, exatamente, o significante que opera a castração.

A inscrição do Nome-do-Pai no Outro do Sujeito é condição necessária para a inscrição da castração.

Na **psicose**, não há inscrição do Nome-do-Pai no Outro, ou o Outro não é castrado.

Poderia dizer ainda, que o psicótico, inconscientemente, não admite a castração materna. O que se chama de forclusão, portanto, é a exclusão fundamental do significante paterno, e consequentemente, da inscrição da castração.

E na **neurose**?

Nesse caso, há a inscrição do significante paterno no Outro do Sujeito, que se mostra barrado.

O neurótico, por conseguinte, tem registro da castração materna. É o que se passa no plano simbólico. No plano imaginário, porém, o neurótico acredita na completude do Outro, acredita na existência da proporção sexual e nega, desse modo, a castração.

E na **perversão**?

Aqui existe a inscrição do significante paterno e da castração, mas, por outro lado, verifica-se a coexistência de duas posições diametralmente opostas. A castração é, ao mesmo tempo, admitida e negada. O perverso administra, sem conflito, a concepção do Outro barrado, ao lado da concepção do Outro não barrado. É o que se chama de desmentido.



O relacionamento da histérica e do obsessivo

As três estruturas clínicas apresentam diferentes tipos clínicos.

Ficarei restrita aos dois principais tipos clínicos de neurose: a histeria e a obsessão.

Resumidamente, a histeria como tipo clínico, pode ser definida como fuga da vacilação pela exacerbação da falta, enquanto que a obsessão seria a fuga da vacilação pela obliteração da falta.

É um começo de abordagem da nossa questão.

Com base nesses termos, o casamento da histérica com o obsessivo evoca o casamento da chave com a fechadura, que faz acreditar na existência da proporção entre os sexos, na complementação de um pelo outro.

Eis aí o apelo imaginário que sustenta a união.

Mas eis aí, também, o que faz a tormenta do casal. Pois a ânsia de obturar do obsessivo só tem paralelo na ânsia de esburacar da histérica.

De que maneira os sujeitos históricos e obsessivos respondem aos impasses da relação?

Não se trata, bem entendido, de identificar simplesmente o obsessivo com o homem e a histérica com a mulher; nada efetivamente impede de localizar, do ponto de vista de uma observação empírica, mulheres obsessivas e homens históricos. **O que está em questão é saber como essa parceria funciona no modo e seremos (in)felizes para sempre.**

A estrutura histórica aponta o tempo todo a insuficiência e a impotência do outro, nunca nela mesma.

O que a coloca numa posição de potência. Ela sustenta o desejo como insuficiente. Sustenta o desejo apontando a falta. A base do desejo é essa: É impossível realizar um desejo.

O sujeito da histeria é atraído pelo amor à figura do Mestre, pelo amor ao seu saber, tal como mariposa atraída pela lâmpada. Sua intenção, num primeiro momento, é a de reconhecê-lo, mas, num segundo momento, é a de destituí-lo, ou destruí-lo, ao apontar-lhe a falta.

O sujeito da obsessão, por seu turno, visa de imediato à destruição do Outro na constituição de seu desejo.

Trata-se de uma destruição articulada no nível do significante. Isso num primeiro momento.

O problema é que a destruição do Outro, nesses termos, resulta na destruição do próprio Sujeito, pois se trata do Sujeito da fala.

Como consequência, o obsessivo, num segundo momento, visa à restauração amorosa do Outro. O que era ódio se converte em servidão.

Tudo para o Outro. Na tentativa de reparar o dano causado.

Qual a posição da estrutura histérica?

Classicamente, ela se apresenta como sedutora, ou como objeto de desejo. Todavia há algo de particular nesse oferecimento; ela recua, ou se retrai, quando o conquistador se aproxima. Ela se mostra como objeto que se furta.

A posição subjetiva da estrutura obsessiva em relação à questão do desejo

Para essa estrutura, o objeto de desejo é imaginariamente sustentado pela proibição do Outro. O suplício do obsessivo, então, é este: o desejo desaparece quando o objeto a ele se entrega.

Quanto ao sujeito da histeria, é bem conhecida a fórmula segundo a qual a histérica tem desejo de desejo insatisfeito. Satisfazer o desejo é matar o desejo; sendo assim, insatisfazê-lo é elevá-lo à sua plenitude. Nada de gozo! A histérica quer desejar, a histérica não quer gozar.

E o obsessivo?

Ora, se o obsessivo anula o Outro, ele destitui o parceiro como sujeito, ele o reduz à condição de objeto, objeto de seu gozo.

A estrutura histérica ocupa a posição de objeto com facilidade, de objeto pequeno a, e, nesse aspecto, ela favorece a parceria amorosa com o obsessivo.

Por outro lado, o encontro do desejo impossível de um com o desejo insatisfeito do outro é um complicador previsível.

Ela vai dizer o tempo todo que aquilo que ela tem não a satisfaz. A histeria é uma insatisfação crônica.

Um sujeito de estrutura histérica acredita que um dia irá encontrar o príncipe encantado ou a mulher dos seus sonhos. Porém, nenhum homem ou mulher irá satisfazer, ninguém conseguirá fazê-lo feliz no momento. Sempre haverá alguém ou alguma coisa no futuro que será melhor.

O príncipe está sempre por chegar, a mulher dos sonhos também e, por sua vez, nunca chegará.

Estamos diante da impossibilidade.

A estrutura histórica não nega o desejo, ela cria um desejo insatisfeito.

O desejo insatisfeito, como marca estrutural da neurose histórica, remete para as relações do desejo com a demanda, com o sintoma e com sua própria estrutura (desejo do desejo do Outro).

No sujeito neurótico obsessivo o medo de castração é muito mais forte. O neurótico obsessivo pode sofrer de fantasias tão acentuadas e intensas que nos deixa em dúvida se estamos diante de um neurótico obsessivo ou psicótico.

Tem uma postura de empurrar as coisas com a barriga, faz muitos planos, mas não assume o desejo. Típico comportamento obsessivo e que gera muito sofrimento. Ele esconde, ele nega o desejo.

Os homens vão sofrer pelo protesto masculino, o peso do falo e, as mulheres sofrerão por inveja do falo.

Ambos vão sofrer pela falta e pela posição que ocupam na relação consigo mesmo, com o outro e com o mundo.

Nenhum humano consegue se curar completamente do mal estar da civilização, se curar completamente da castração.

Histeria e obsessão apresentam estratégias diferentes para a recusa do desejo: insatisfação na histeria e impossibilidade na obsessão.

Por isso o par perfeito no (in)felizes para sempre.

A priori, se a histérica quer ser desejada pelo outro o tempo todo, ela tem que dar a falta ao outro.

Ela marca a falta o tempo todo, ou pela impotência apontada para o outro, pela insuficiência, ou pela queixa. De alguma maneira ela sabe que o desejo só se sustenta na falta.

A histórica aponta o tempo todo a insuficiência e a impotência do outro, nunca nela mesma.

O que a coloca numa posição de potência.

Ela sustenta o desejo como insuficiente.

Sustenta o desejo apontando a falta.

A base do desejo é essa: É impossível realizar o desejo.

A priori a histórica percebe muito bem esse mecanismo. Se ela quer ser desejada pelo outro, ela tem que dar a falta ao outro.

Ela marca a falta o tempo todo, ou pela impotência apontada para o outro, pela insuficiência, ou pela queixa.

De alguma maneira ela sabe que o desejo só se sustenta na falta.

Nesse sentido ela está alguns passos a diante do neurótico obsessivo. O Neurótico obsessivo segue uma outra estratégia, coloca o desejo do outro como uma impossibilidade e portanto faz uma operação onde seria impossível responder a tal desejo, ele faz de tudo para que o desejo do outro não exista.

Ele quer que o outro deixe de desejar.

Porque se o outro desejar, ele se colocará na missão impossível de satisfazer, tentar responder ao desejo do outro.

Se a histórica convoca o desejo obsessivo na falta, ele tenta responder a essa falta que é impossível de ser respondida.

Você percebe a armadilha em que neuróticos obsessivos se metem?

Não são bonzinhos, na realidade estão mais para lobos em peles de cordeiro.

Para compreender com mais clareza o gancho sintomático do par estrutura histórica e obsessivo, vou utilizar a partir de agora o clássico feminino para a histeria e masculino para a neurose obsessiva, embora essas estruturas não acontecem nessa polarização, há homens históricos e mulheres obsessivas.

O humano tenta exaustivamente se defender do desejo do Outro e dessa maneira atribui sempre a causa do seu sofrimento a esse Outro.

A causa é sempre externa, nesse sentido o sujeito nessas circunstâncias não está implicado em seu sofrimento.

**QUAL A SUA RESPONSABILIDADE NA
DESORDEM DA QUAL VOCÊ SE QUEIXA?**

SIGMUND FREUD



Atribuir ao cosmos, a politica, ao vizinho, aos que querem nos prejudicar, ao clima, a tudo que não gere implicação, é uma das marcas da neurose que acarreta muito sofrimento, estou falando da posição "não tem saída", onde o sujeito se coloca num quarto escuro sem porta e janela, impotente.

É desse equivoco que diz uma análise.

O deslocamento da causa externa para o campo da implicação é o movimento de uma análise, mas antes de nos depararmos com o próprio equivoco, repetimos sem saber, nem como, nem onde e nem porquê.

E para saber desse equívoco é necessário, se haver com a fantasia, dentre outras questões que abordarei adiante.

Não se trata simplesmente de saber da fantasia primordial para se desfazer dela.

Se trata de saber mais sobre as fantasias e os equívocos, dar-se conta deles para então, se apropriar e se implicar.

Só aí é possível uma invenção, a partir do seu equivoco, da sua fantasia primordial.

Só aí é possível falar em liberdade, liberdade de ser o autor de si mesmo.

E o que é queixa pode se tornar resolução, mas há todo um percurso para que isso aconteça em uma análise.

Liberdade em escolher

Aí sim é possível escolher.

Escolher o que não é insuportável para cada um de nós.

Saber qual é o limite.

O que é suportável para você.

No final de uma análise é possível dizer não ao insuportável.

Colocar um limite e saber o que é insuportável.

O que é insuportável passa pela construção da sua fantasia.

Os nossos desejos entram em conflito com os desejos do outro e isso é um problema.

Se a gente vive a realidade a partir da nossa própria fantasia e nesse sentido cada um tem a sua própria realidade, a fantasia seria para a psicanálise a janela que cada um enxerga a realidade e, nesse sentido a realidade é subjetiva.

A realidade é subjetiva e cada um tem um desejo singular.

Na sua fantasia você vai se deparar com o imperativo do seu desejo que é inegociável.

O que é mais singular em você?

É lugar comum entrar em conflito com o desejo dos outros e isso deveria ser bem vindo, mas não é.

Por quê?

Os outros tirariam a autonomia do meu desejo? Será?

A gente cria um suposto Outro.

A pessoa se coloca no consultório como se o desejo estivesse impedido pelos outros.

Se eu tivesse dinheiro eu faria uma viagem de veleiro pelo mundo, se eu não tivesse filhos eu viveria assim ou assado, poderia fazer a faculdade que desejo, se o meu marido me escutasse, se a minha namorada não fosse muito ciumenta.

E que dizer do par sintomático a histérica e o obsessivo?

O Neurótico obsessivo pode ser um dementador?

Dementadores são criaturas das trevas que consomem a alegria humana, criando um ambiente de frio, escuridão, tristeza e desespero, estão entre as criações mais profundas de J.K. Rowling.

Por causa de seu poder de drenar a alegria e esperança dos humanos, eles receberam o encargo de guardar Azkaban, onde eles impedem que os prisioneiros tenham desejo ou vontade de escapar.

Se o obsessivo se mostra tão adepto à ordem verbal, tão apto a se alienar nas regras, é porque precisa da testemunha invisível do Outro que ali está de espectador. Ele precisa sustentar o Outro como lugar onde se registra a façanha. Mas o que ele busca, em suas façanhas, é a permissão do Outro para gozar, gozar de algo que ele de fato mereceu, mas cuja satisfação não se classifica no campo em que ele acredita merecê-la.

Ora, uma vez que, nessa contradição, o sujeito depende do Outro como suporte, ao mesmo tempo que, em sua estratégia, visa a anulá-lo, o obsessivo se encontra perpetuamente condenado a restaurar a dimensão do Outro, da qual ele constantemente deseja o desaparecimento.

Ele se impõe as mais árduas tarefas, nas quais, aliás frequentemente obtêm sucesso, mas não goza das férias merecidas. Ele busca a permissão do Outro, mas o outro com quem ele tem que se haver, em sua parceria, não tem nada a ver com essa história.

A histérica, a qual ele porventura se dirige, não tem nenhum motivo para coroar de êxito a proeza do obsessivo, já que ela, mais do que ninguém, sabe que o desejo do obsessivo não tem nada a ver com o campo em que o sujeito mostrou suas aptidões.

Fantasia

A fantasia é a relação do sujeito com seu desejo e seu gozo.

Existem alguns aspectos que podem marcar a fantasia da histérica e do obsessivo.

A histérica é um sujeito que busca a sedução, ou que se põe como objeto de desejo, mascarando a castração com seu atrativo, e dirigindo-se a um Outro que crê consistente, visando à sua capitulação.

O obsessivo é um sujeito assombrado com a fratura do Outro, pela qual se crê responsável, e para a qual procura compensação fálica com o sacrifício de seu desejo e com oferendas sucessivas e intermináveis.

Tudo para o Outro, propõe Lacan como lema da fantasia obsessiva.

Fantasia

Somos sujeitos da falta e é através da fantasia que procuramos obter no íntimo a ilusão de ser inteiros e completos. A fantasia traz alguma estabilidade para o desejo.

Liga o desejo a determinado objeto.

Ela, a fantasia fixa o desejo do sujeito a determinado objeto. Sem a fantasia o desejo ficaria solto, à deriva infinitamente.

Na neurose há uma ênfase no sujeito dividido e a fantasia está mais vinculada a uma hora antes ou depois do que Lacan chamou a hora da verdade.

Na histeria há um desejo insatisfeito no passado e no obsessivo um desejo impossível no futuro.

O histérico repete o trauma e o obsessivo posterga a solução do seu desejo como que adiando o encontro com a morte.

Toda dinâmica intrapsíquica do obsessivo se dá no sentido de eliminar os vestígios do conflito intrapsíquico que na histeria está evidente.

Na histeria o Eu está em conflito permanente com as moções pulsionais, porque o desejo surge ali insatisfeito e deslizante.

No obsessivo o Eu está em constante montagem defensiva contra o vazamento do desejo, que vai se tornar um problema na clínica, porque ao contrário da histérica que pede reconhecimento do seu desejo, produzindo sintomas, o obsessivo pede que lhe seja restituído um lugar que ele acredita ter ocupado em algum momento, um lugar de falo.

Um lugar de importância, de falo para a completude de outro. O que o obsessivo busca na análise é recompor as estruturas de defesas do Eu.

As diferenças entre histeria e obsessão não são fixas, mas, sim, mutáveis.

Variam muito de um analisante para outro e também num mesmo analisante.

Freud afirma ser a obsessão um dialeto da histeria.

E Lacan propõe que, a rigor, só existe análise a partir do discurso da histérica.

O que quer dizer, em outras palavras, que a análise do obsessivo exige dele uma histericização discursiva.

Não existe fantasia específica da histeria e da obsessão, ou seja, a fantasia fundamental não se rege por padrões específicos.

O que Lacan propõe como fantasia da histérica e do obsessivo são apenas apresentações iniciais frequentes em cada tipo clínico.

Na histeria, o sujeito se apresenta como objeto de desejo numa posição sedutora, mas se furta quando a sedução está prestes a se consumir: a histérica quer desejar, não quer gozar. O desejo é insatisfeito.

Na histeria, no que se refere ao sintoma há uma prevalência do corpo.

Na obsessão o sintoma aponta para uma prevalência do pensamento.

Os pensamentos obsessivos são particularmente frequentes.

É o caso de um analisante, católico fervoroso, que pensa em gritar um palavrão em plena missa, na hora da consagração; ou pensa em viajar na contramão numa rodovia de mão dupla, até encontrar outro carro em sentido contrário.

São pensamentos que lhe causam horror, mas um obsessivo não passa ao ato.

São vivências impostas "de dentro" do sujeito obsessivo.

O sintoma histérico é da ordem da condensação, ou da metáfora.

A formação de compromisso reúne desejo inconsciente e exigência defensiva, que se satisfazem num só tempo.

Freud cita o caso de uma histérica que pressionava o vestido contra o corpo com uma das mãos, como se quisesse manter-se coberta, ao mesmo tempo em que tentava arrancá-lo com a outra, como se quisesse se despir.

O sintoma obsessivo, por sua vez, é da ordem do deslocamento, ou da metonímia. Acontece em dois tempos. O homem dos ratos, por exemplo, na estrada onde passaria a carruagem com sua amada, chuta uma pedra que estava no meio da via, jogando-a para a beirada. Pensa então que a roda da carruagem, ao passar por cima da pedra, poderia fazê-la tombar. Vai lá, de novo, e chuta a pedra de volta para o meio da estrada. Sua ambivalência em relação à amada aparece em outra ocasião.

Orando por ela, pediu aos céus: que Deus a proteja.
Eis, porém, que se insinua de repente um não: que
Deus (não) a proteja. Um tempo para o amor, um
tempo para o ódio.

A histérica aparentemente, fala muito, porém, a fala é vazia, repleta de gozo do blá-blá-blá.

Já o obsessivo não ouve. A posição subjetiva é de quem está colado no sentido imaginariamente único de seus significantes, como dono da verdade.

Tudo o que escapa a essa perspectiva cai no vazio.

Na histeria há predomínio da enunciação ou do dizer, sendo que o sujeito mantém distância em relação a seus enunciados ou seus ditos.

Por exemplo: quando o analista pontua um significante na fala, ela refuta, como se estivesse diante de um significante da fala do analista.

Uma analisante aponta o marido como o causador de seus males: bebedor, gastador, mulherengo e ai deles se não fosse ela para buscar dinheiro com o pai para bancar as coisas.

Você banca as coisas, pontuou o analista.

A opinião é sua e não minha, retrucou a analisante.

No caso do obsessivo, a proximidade do sujeito com seus enunciados é tamanha que ele se confunde com seus ditos.

Falar de seus termos é falar dele.



Campo do sujeito

O campo do sujeito, no caso da histérica, é marcado pela falta, pelo desejo, pela fantasia.

Na neurose, a castração está inscrita, registrada, mas dela o sujeito não quer saber, e vacila entre acreditar nela ou não.

Cada tipo clínico elege uma estratégia para lidar com a vacilação.

A histérica procura resolver sua hesitação pela exacerbação da falta.

Um exemplo seria o rosário hipocondríaco com o qual tenta atrair ou desafiar o Outro.

A falta pode manifestar-se em outros casos como insatisfação, como reivindicação. Ou de forma sedutora, como objeto de desejo, numa versão erotizada.

Além disso, o campo do sujeito é prenhe de fantasia, de situações triangulares, de figurações gozosas.

O obsessivo enfrenta a vacilação com a obturação da falta, tanto a subjetiva como a do Outro.

Não obstante, a dúvida com frequência o atormenta, fazendo-o empenhar-se em ritos de certificação.

O fantasma da culpa e da dívida levam ao exagero em termos de expiação, tanto que Freud comparou a neurose obsessiva a uma religião individual.

Por que aquele homem?

Por que aquela mulher?

Por que aquele par?

Foi o que Freud chamou de a "condição de amor", a causa de desejo.

É um traço particular, ou conjunto de traços que tem uma função decisiva para a escolha da pessoa amada. Essa escolha é única para cada sujeito, e se escreve em sua história singular.

Entre um homem e uma mulher nada é escrito antes, não há relacionamento preestabelecido.

Seu encontro é contingente.

As intervenções frente à neurose obsessiva devem ser tão sensíveis à escuta quanto em casos de histeria, pois se para a histérica o desejo somente poderá ser realizado pelo outro, na obsessão esse desejo será impossível de ser realizado.

Engajar o obsessivo rumo à mudança, exigirá do analista disposição e persistência.

Disposição em escutar, interpretar, pontuar, confrontar e frustrar.

Histeria é um paradigma de estrutura clínica para a Psicanálise, uma forma de sofrimento investigado por Freud para descobrir:

- **Divisão de sujeito**
- **Inconsciente**
- **Determinação simbólica do sintoma**
- **Importância da memória**
- **Importância das experiências infantis**
- **Importância do trauma**

Na década de 60 uma psicanalista chamada Elizabeth Zetzel dividiu a **histeria em 04 subtipos:**

- **Depressivo**
- **Sofrimentos corporais com somatizações, conversões, anestésias (problemáticas ligadas ao corpo)**
- **Infantilização (personalidades muito dóceis, subservientes)**
- **loucura histérica (quadros de insubordinação, confrontos com a leis)**

Como a histeria se manifesta nos tempos atuais?

Ela foi excluída do DSM desde 1973 com a fragmentação do que se chamava de histeria em outros quadros menores como depressão, transtornos somatoformes (fibromialgia, dores crônicas), síndrome do pânico (ataques de pânico tem uma relação com o que Freud chamava de neurose de angústia, um quadro associado com a histeria), transtornos factícios (criam doenças, inclusive com sintomas agudos, dramáticos e convincentes, costumam perambular de um médico ou hospital a outro para tratamento), personalidade histriônica (teatralizando, precisa chamar a atenção o tempo todo, hiperafetável, extremamente sensível), transtornos dissociativos (onde há perda brutal da memória ou de uma parte da lembrança, esquecimento da infância ou de um período da vida da pessoa), transtornos alimentares como anorexia e bulimia, transtornos narcísicos, personalidade borderline.

Todos esses quadros poderiam ser descritos 50 a 100 anos atrás como quadros histéricos.

Nunca é demais salientar que histeria acontece em homens e mulheres.

Para que serve falar de histeria, se há tantos outros quadros mais simples, visíveis e descritos no DSM-5? É exatamente por ser um quadro que nos faz pensar na gênese do sintoma, e se interrogar: porque as coisas acontecem assim?

Porque há um problema de sono, um problema de alimentação, daí a depressão, daí a angústia e então uma conversão.

Porque isso acontece numa determinada ordem, porque isso acontece num determinado contexto, por isso tem a ver com a forma de como a gente fala sobre nós mesmos e não apenas comportamentos objetiváveis, uma doença propriamente dita.

A histeria diz respeito a uma lógica de pensar o sujeito a partir da hipótese na sua divisão, na presença do inconsciente.

A histeria serve para o analista historiar o sofrimento, não subordiná-lo a uma determinação que não implica o sujeito, pré-determinada em um código de classificação de doenças internacionais.

Serve ainda, para entender os laços sociais e porque o sofrimento está na relação com o outro e não na química mental.

Entendo que todas essas formas de sofrimento podem ser reescritas com um retorno crítico ao conceito psicanalítico de histeria.

O gancho sintomático que liga Livia e Paulo

Fragmentos do relacionamento

Paulo 61 anos, médico aposentado, casado há 30 anos com Livia de 58 anos Pedagoga aposentada, filhos criados e com suas vidas independentes.

Paulo era um escravo voluntário da companheira, procura atender as demandas de Livia ao longo dos 30 anos de relacionamento.

Livia é genial, sabe que demanda endereçada à Paulo é impossível de ser respondida. São trinta anos que ele falha na tarefa e ainda insiste em repetir:

Ela demandando e ele tentando resolver.

A base dessa relação é essa: ela demanda e ele tenta resolver.

Lívia aponta a falta em Paulo o tempo todo, não se insere no lugar da falta. A impotência está nele e a resposta sobre o desejo dela deve vir dele.

Jamais nela, responde da posição de prepotência e ele também.

Ela reclama que não se sente desejada o suficiente por Paulo (demanda sempre, mas não se sente desejada por ele).

Para Lívia nunca nada é o suficiente.

Ela diz: "Eu não queria ter que pedir isso pra ele, eu queria que o desejo viesse dele, que ele me dissesse. Mas ele não se importa, isso me deixa triste".

Ele diz: "Eu não aguento mais, nada do que eu faço está bom, ela é insuportável, nada pra ela é o suficiente".

Ambos estão presos a uma tentativa de relação impossível, é uma forma de se relacionar fadada ao fracasso.

Existe uma saída para o casal?

Respondendo da posição neurótica por excelência, de prepotência, acreditando poder responder à demanda de amor, que por estrutura é finita e, portanto, impossível de ser respondida que Paulo se sustenta e sofre muito.

"Cada vez eu tento fazer mais e nada é o suficiente".

Paulo quer satisfazer e ao mesmo tempo anular o desejo da parceira.

Os verbos no neurótico obsessivo são resolver, salvar, fazer, tudo pelo outro.

Esse disfarce de autruísmo, revela uma posição de autoreferência.

Ele tenta resolver para anular o desejo de Lívia,
É uma falsa servidão à parceira.

Lívia, por sua vez, aponta a impotência de Paulo o tempo todo.

Paulo é o "servo" que tenta tornar essa impotência possível de ser respondida.

Está fixado nesse lugar.

Eles estão presos, repetindo o jogo ao longo de 30 anos.

Ele quer que a parceira pare de desejar, por isso faz tudo o que pode, buscando reconhecimento, como um herói muito esforçado.

E esse reconhecimento não vem.

Lívia não entrega o reconhecimento à Paulo.

Esse reconhecimento mataria o desejo de Lívia.

A insatisfação dela e a impotência do parceiro precisam ser apontados o tempo todo.

Lívia nunca está satisfeita, e não pode estar, porque, na construção histórica, se ela reconhecer Paulo, deixará de ser desejada.

É assim que os sintomas se engancham de alguma maneira.

Lívia por ter que demandar o tempo todo, não sabe porque seria desejada.

Por isso insiste em endereçar à Paulo a seguinte questão:

O que eu sou para você?

Porque você me ama?

Como se ele fosse o detentor de uma verdade a respeito do desejo dela.

A demanda dela é que o outro diga o que ela é pra ele.

Por que sou desejada?

Ela quer essa resposta de Paulo.

Essa operação é impossível de largada.

Essa é uma questão analítica: Responder sobre o seu desejo e não exigir que essa resposta venha do outro.

Essa pergunta que Lívia faz para Paulo ele não sabe responder.

Ele só quer ser reconhecido pelos seus esforços na tentativa impossível de responder a essas demandas. Paulo goza nesse lugar, "o que atende", para ser "reconhecido".

Lívia se coloca no lugar daquilo que falta.

Paulo tenta anular Lívia, mas precisa dela para apoiá-lo. Estão paralisados.

Ele a rebaixa e a diminui.

O trabalho analítico

A saída da análise para Lívia e para Paulo

Lívia e Paulo estão sentados num café, passa por eles um casal em direção à outra mesa, Paulo olha para essa mulher extremamente atraente.

Lívia também observa o casal, o homem é charmoso e interessante, mas ela passa muito tempo observando a mulher que está com ele.

Para ela o que interessa é a relação entre eles.

O que aquela mulher tem que tornou aquele homem seu parceiro?

A pergunta de Lívia recai sobre o desejo e não sobre o objeto.

Lívia quer ser a causa do desejo do outro.

Ela quer saber o que causa aquele desejo.

E isso tem suas implicações na recusa histórica.

Ela se recusa a se colocar na posição de objeto, ela supõe que se colocar na posição de objeto é se submeter.

Lívia está na posição fálica, assim como Paulo.

Para Lívia se colocar na posição de objeto ao final de uma análise, é decidir escolher ficar nessa posição e gozar aí, coisa que a estrutura histórica não consegue fazer.

A histórica recusa o corpo, recusa se colocar como objeto e que fique muito claro: não é estar submetida ao outro, a partir do momento que é uma escolha.

Lívia adota uma estratégia de subtração, de esquiva. Quando faço sexo com Paulo, meu corpo está lá, mas eu estou em outro lugar, eu não estou lá.

Recusa em se colocar como objeto, não consegue se sentir desejada.

Importante traçar uma diferença entre uma mulher e uma mulher histórica, as posições são totalmente diferentes.

Na feminidade não histórica, a mulher encontra o investimento narcísico no olhar desejante do homem e, dessa forma, aceita que é na qualidade de "sujeito da falta" que ela pode encontrar seu lugar de desejada.

A feminidade será não mais o véu enganador ou a arma que ela brande, mas a oferenda, o dom por excelência.

Esse dom, substituto da inveja daquilo que ela não tem, só pode sustentar-se do amor que ele desperta em troca.

Lívia: Ele me ama?

Paulo: Será que eu a amo?

Ele duvida de tudo, até da capacidade de amar.

A dúvida posterga qualquer tomada de decisão.

Em um relacionamento funcional e saudável, é importante que seja possível ao par consentir em ser o sintoma um para o outro.

Que Lívia possa se colocar no lugar de objeto, sabendo que não é, ao invés de permanecer na falta.

Ela precisa ser aquela que falta e sustenta o desejo do outro faltando.

Paulo tem o desafio de não rebaixar Lívia na tentativa de anulá-la.

Não tomar o desejo de Lívia como demanda ou como um problema a ser resolvido.

Para ele tudo se torna um trabalho a ser resolvido.

Resolver é o grande verbo do neurótico obsessivo em toda sua prepotência.

Resolver é tentar se livrar da demanda.

Resolver é um verbo que vai muito bem como o sobreviver.

Paulo sobrevive, não sabe viver.

Lívia reclama: como ele é chato, quer sempre as mesmas coisas, não quer mudar nada, quer ficar deitado em frente a televisão.

O sonho do Paulo é estar deitado no sofá com o controle da televisão, um aquele ambiente absolutamente controlado com comida, livros, e alguém cuidando dele o tempo todo.

Ficar no sofá sem ser demandado.

O sonho do Paulo é esse, afirma Lívia.

Ao mesmo tempo, Paulo tende a se constituir como tudo para Lívia. Para isso, ele deve exercer controle sobre todas as coisas, a fim de que ela não lhe escape, permanecendo preso ao temor da castração.

Como seria um final de análise para Livia e Paulo?

- Suportar a demanda do outro
- Suportar é parar de sofrer pela exigência do amor que não garante a completudo dos sexos masculino e feminino.
- Ser suporte à fantasia do parceiro
- Não porque o parceiro exige, mas porque você quer
- Por escolha de estar lá na condição de objeto
- Consentir, ser suporte
- Consentir não é submeter

A experiência analítica pode nos levar a parar de culpar o parceiro por efeitos da estrutura.

O final de uma análise pode possibilitar a compreensão de que não existe a fusão completa e nem a satisfação completa em relacionamentos. A satisfação é sempre parcial, jamais absoluta.

Há quem diga que as pessoas, na verdade, não encontram “o parceiro”, e sim a neurose que as completa.

As neuroses se atraem, mas não se entendem.

O mais conhecido é o par histérica e obsessivo, como nos mostram Lívia e Paulo.

Ela o alimenta com a sua eterna insatisfação, ele lhe responde com a onipotência servil que ela adora, pois dá nova chance dela reclamar que não é ainda bem isso o que ela queria, o que faz que ele tente uma nova resposta, e assim por diante, infelizes para sempre, até que a morte os separe, ou um deles se trate.

O relacionamento de Lívia com Paulo reproduz o encaixe do parafuso com a porca, traz a confiança da existência na intensidade entre os sexos, na complementação de um pelo outro.

Eis aí o apelo imaginário que sustenta a união, mas eis aí, também, o logro que faz a tormenta do casal. O domínio de tapar de Paulo só tem semelhança na angústia de esburacar de Lívia.

Como Paulo trata Lívia?

Ela é atraída pela paixão à figura do Mestre que Paulo representa, pela paixão e admiração ao seu conhecimento.

Lívia é o objeto perfeito para Paulo. Uma mulher interessante, linda, agradável, preocupada com a família e o social.

Existe nessa parceria um conluio inconsciente entre o Paulo e Lívia.

Como Lívia seduz Paulo?

Ela é a abelha rainha que faz seu voo nupcial com zangão e depois mata-o. Sua intenção num primeiro momento, é a de reconhecê-lo, mas, num segundo momento, é a de destituí-lo e depois destruí-lo ao apontar-lhe a falta.

Lívia tem humor ácido é debochada e "prova" ao seu marido que ele não consegue amá-la da forma como ela deseja.

Paulo, por sua vez, visa de imediato à destruição de Lívia na constituição de seu desejo. Trata-se de uma destruição articulada no nível do significante.

Isso num primeiro momento. O problema é que a destruição dela, nesses termos, resulta na destruição dele mesmo.

Como consequência, ele, num segundo momento, visa à restauração amorosa de Lívia e sede aos seus caprichos e desejos.

O que era ódio se converte em servidão, o dever de servir.

Ele é o escravo do dever, procura dar tudo que está ao seu alcance à ela. Na tentativa de reparar o dano causado.

Por isso, o casal está sempre em constante conflito.

O relacionamento de Lívia com Paulo poderá continuar para sempre até que a morte os separe, mas, em contrapartida, tem tudo para acabar pelos intensos e destrutivos conflitos.

O (In)felizes para sempre não sai de cartaz.

E qual é a posição de Lívia? Basicamente, ela se apresenta como a toda poderosa, sedutora, encantadora, instigante, manipuladora, provocativa sexualmente. Entretanto, existe algo de particular nessa oferta; ela retrocede, ou se retira, quando Paulo se aproxima. Ela se põe como objeto que se furta de um compromisso.

Lívia tem desejo do desejo insatisfeito.

Satisfazer o desejo é destruir o desejo; sendo assim, insatisfazê-lo é elevá-lo à sua plenitude.

Nada de gozo.

Lívia não quer gozar.

De forma mais clara, ela não quer realizar.

Ela seduz, mas não realiza. Deixando Paulo correr atrás daquilo que quem sabe poderá um dia preencher a sua insatisfação.

Nesse aspecto, Lívia e Paulo não encontram o caminho para que ambos se entendam.

Aliás, entre essas duas estruturas (histéria e obsessiva) isso é praticamente impossível.

Eis a questão, se Paulo anula Lívia, ele destitui a parceira como sujeito, ele a reduz à condição de objeto, objeto de seu gozo e não de seu desejo.

Lívia ocupa a posição que aponta a falta com prontidão, nesse aspecto, favorece a parceria amorosa com Paulo.

Por outro lado, o encontro do desejo impossível de um com o desejo insatisfeito do outro é um embaraço previsto nos seus constantes conflitos, porém, instigante e sedutor.

E qual a posição subjetiva de Paulo em relação à questão do desejo?

Para ele, o objeto de desejo é ilusóriamente sustentado pela proibição do outro, ou seja, de Lívia.

O suplício de Paulo, então, é este: o desejo desaparecerá quando ela se entregar a ele.

De forma mais clara, Paulo deseja a conquista, isso o instiga, mas quando ele conquista, corre o risco de perder o desejo, ou ir atrás de algo mais desafiante.

Eis o porquê, Lívia e Paulo mantêm uma relação de desafios.

O desafio os instiga a manter o jogo da conquista.

Paulo é levando a vincular-se a demanda de Livia como forma de defesa. Ou seja, ele não é capaz de sustentar por si mesmo o seu desejo, o que revela sua limitação a partir da demanda da companheira no lugar do seu desejo.

É dominado por constante indecisão, um estado de dúvida que acaba paralisando-o e impedindo-o de fazer escolhas.

Ao tomar uma decisão é preciso suportar a perda de algo e é justamente isso que Paulo não consegue suportar.

Assim, ele não sustenta uma determinada opção em detrimento de outra, permanecendo em estado de dúvida.

Se, na fase oral, a primazia é a do sujeito ser nutrido pelo Outro, diferentemente, na fase anal, é o sujeito que está sujeitado a demanda do Outro.

Assim, a introdução na fase anal ocorre por ser o Outro quem demanda ao sujeito.

Paulo não se manteria numa relação possível com seu desejo senão à distância para que esse desejo subsista.

Assim, seu desejo vacila e se oculta na medida de sua aproximação.

Contudo, ao se dedicar a destruir o desejo do Outro, tende a desvalorizar e depreciar o que é seu próprio desejo.

Lívia se referindo ao companheiro: "Paulo ama como um porco espinho, não deixa chegar perto, sempre de cara feia e língua afiada, de repente a fera some, vira um menino assutado que não sabe o que fazer sem mim".

A onipotência do pensamento de Paulo é que ele não age, ele cogita.

Assim, enquanto Lívia fala, chama atenção, Paulo vive cogitando, encontra-se impedido pela ruminação e envolvido por dúvidas e incertezas.

Em Paulo os desejos sádicos destrutivos com intenções de incorporação são predominantes; além do desejo de posse sob Lívia, o que lhe confere uma satisfação narcisista. Os diferentes desejos expressam o caráter ambivalente de retenção, o amor, e a expulsão, o ódio. que se relacionam com os seus objetos de interesse e amor na forma de ter (prender) e de dar, isto é, uma relação com a propriedade.

Paulo segue entre a neurose obsessiva e a melancolia, ora conduzido, ora arrastado, pelo supereu.

Paulo está sempre pedindo explicações para Lívia solicitando que ela ordene sobre aquilo que ele deve fazer.

Com isso ele tenta reduzir o misterioso desejo do Outro, pois perguntando a Lívia o que ela deseja que ele faça não precisará pensar no que ele, realmente deseja.

Além disso, ao corresponder à demanda de Lívia, impede o aparecimento do desejo dela.

Sendo assim, Paulo se sente compelido a responder Lívia de forma contínua.

Lívia transita entre a falta e o vazio, suas defesas se desorganizam pelo fracasso do ideal fálico.

Ela modifica o seu discurso e, de alguém insatisfeito por não ter nada, passa a sentir-se alguém que não é nada.

***O poeta é um fingidor.
Finge tão completamente
Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente.
E os que leem o que escreve,
Na dor lida sentem bem,
Não as duas que ele teve,
Mas só a que eles não têm.
E assim nas calhas de roda Gira,
a entreter a razão,
Esse comboio de corda
Que se chama coração.***

Fernando Pessoa, Autopsicografia

O desejo de Lívia em relação à Paulo é mais um desejo narcísico do que sexual.

Quando pensa em separar de Paulo, a perda atua como uma ferida narcísica, que pode conduzir à depressão, com uma diminuição da autoestima.

Para Lívia, ser simplesmente um instrumento de gozo do parceiro, a faz designar o lugar do “objeto da ausência”. A saída para não se sentir absolutamente entregue ao desejo de Paulo seria sacrificar seu próprio prazer, recuperando seu poder.

Amor e ódio estariam, então, absolutamente misturados à força ou fraqueza fálica.

Por muito tempo achei que a ausência é falta.

E lastimava, ignorante, a falta.

Hoje não a lastimo.

Não há falta na ausência.

A ausência é um estar em mim.

E sinto-a, branca, tão pegada, aconchegada nos meus braços, que rio e danço e invento exclamações alegres, porque a ausência, essa ausência assimilada, ninguém a rouba mais de mim.

Carlos Drummond de Andrade, Ausência

Lívia utiliza de artimanhas para tornar presente o ausente que não era ausente, mas, sim, faltante.

Não poderia haver ausência se nunca houve presença suficiente para que se pudesse sentir a ausência.

Essa falta que não podia ser transformada em ausência, não podia ser simbolizada e era percebida por Lívia ora como falta, ora como um vazio que nos remete ao vazio melancólico.

A questão melancólica para Livia já estava lá, desde o início, ainda que o acesso a esse núcleo a partir da palavra, ou seja, livre de atuações, só tenha sido conquistado depois de muito tempo de análise.

Livia parecia transitar entre dois registros: o da falta, na sua fala queixosa por não se sentir compreendida, ou por irritar-se com o comportamento de Paulo.

Ela fala de uma estranha sobriedade que a acompanha quando se sente nesse estado vazio, como se ela estivesse presente e ao mesmo tempo distante.

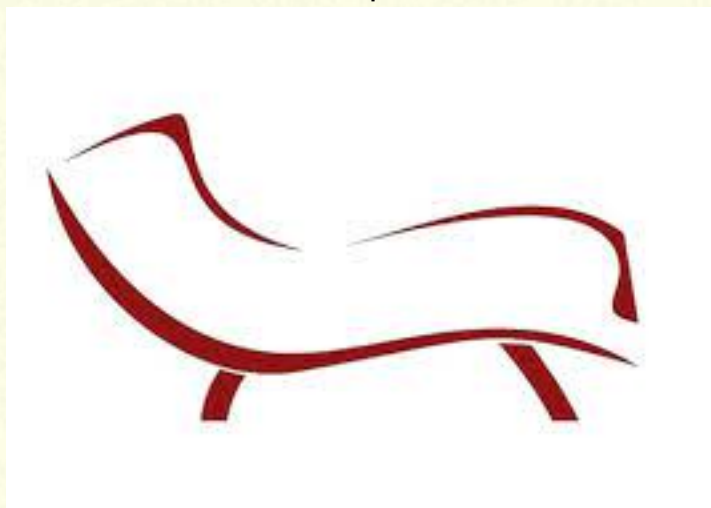
Suas ilusões parecem não mais funcionar, o espelho nesses momentos não serve mais para reassegurá-la.

Diz de um corpo que já está em outro lugar, um cadáver vivo que passeia entre os outros de maneira inacessível de um lugar onde ninguém poderá acessá-la.

Lívia quando percebe a distância afetiva de Paulo diz: Eu não tenho tudo que quero, estou insatisfeita.

No momento que o ideal fálico não funcionar mais como organizador das defesas histéricas, ou que Paulo como complemento narcísico faltar, ela poderá dizer: **Eu não sou nada.**

A respeito da saída da histeria, há necessidade de uma “travessia da angústia” e do luto da “criança fálica” irremediavelmente perdida.



Lívia dialoga com a depressão feminina, a melancolia e a estrutura histérica.

Uma vez que na histeria a referência ao ideal fálico não possa ser abandonada, não haverá, portanto, diferença sexual.

O histérico ou histérica estarão condenados a indiferença sexual e, como nos mostra Birman, os intercâmbios sexuais serão sempre algo da ordem homossexual, que negam as diferenças e nos quais o outro é um complemento narcísico.

Novamente nos reportamos a nossa hipótese.

Se o outro é, na verdade, um complemento narcísico, a perda dessa relação pode mobilizar uma depressão melancólica.

Na parceria amorosa de Livia e Paulo os aspectos determinantes da aproximação são exatamente os mesmos que desnorream o relacionamento.

O que une é o mesmo que separa.

Dizer que tem tudo para dar certo é tão genuíno como afirmar que tem tudo para dar errado.

Importante afirmar que não há regras, não há garantias e não há como se guiar por valores universais.

As estruturas e os tipos clínicos são generalizações.

Numa experiência psicanalítica, cada parceria, cada sujeito terá uma história e um desfecho que serão da ordem da singularidade, e não há estatística possível quando o caso é singular.

O casal Livia e Paulo tem a finalidade de tornar compreensível o gancho sintomático do par histeria e neurose obsessiva.

Rosane Trapaga

Experiência em Psicanálise

Rosane Trapaga é considerada referência na clínica psicanalítica contemporânea do “vazio” ou “casos-limite”. O percurso da Psicanalista tem como ponto de partida o atendimento de pacientes da toxicomania, clínica do trauma, pacientes borderline com histórico de abusos sexuais, violência, automutilação e drogadição, além de outras patologias envolvendo ideações suicidas e tentativas de suicídio. Psicanalista Didata no Curso de Formação em Psicanálise do Instituto Psicanálise em Movimento, cujo objetivo é vitalizar a Psicanálise e o analista contemporâneo. Supervisora Clínica de Psicólogos e Psicanalistas em formação. Ministra cursos e palestras em diversas instituições e universidades.

A histeria masculina

A histeria masculina não tem a mesma história que a histeria feminina, permanece, ainda em nossos dias, consideravelmente reforçada pelo auxílio de uma dissimulação médica, que é principalmente diagnóstica.

A medicina resiste muito em identificar, no homem, esta afecção neurótica que, assim, se beneficia de toda uma série de camuflagens.

Como exemplo destes artifícios, encontramos frequentemente a busca de uma razão exterior ao sintoma, a evidenciação de uma "causa honrosa".

Tudo se passa como se importasse ir buscar no outro, ou na circunvizinhança exterior, uma causalidade que não existe senão em si mesmo.

As grandes crises históricas chamadas "grandes crises à la Charcot" ou "grandes ataques da Salpêtrière" aparecem quase inexistentes no contexto da histeria masculina.

Ela cede o passo a manifestações menos espetaculares do tipo mal-estar, lipotimias, estados de fadiga difusos...

Uma expressão sintomática que evoca metaforicamente, na histeria masculina é o acesso de cólera frequentemente acompanhado de crises por ser contrariado.

As contrariedades estão ligadas a situações cotidianas da vida.

O sujeito histórico não neutraliza a contrariedade de outra forma senão através da descarga psíquica de um acesso de cólera.

Essa crise de cólera é uma verdadeira confissão de impotência que traveste uma descarga libidinal.

Não encontrávamos no homem certas expressões características da histeria feminina (anestesia, paralisia, perturbações sensoriais, manifestações polivalentes de conversões), identificamos certos aspectos de temores orgânicos que evocam algumas vezes a hipocondria.

Na histeria masculina, a sedução se constitui como o suporte privilegiado de uma negociação de amor. Para se certificar de ser amado por todos, o histérico masculino oferece seu próprio amor sem se poupar. Trata-se de um amor de fachada, na medida em que o homem histérico é incapaz de se engajar além da sedução.

Já que não pode renunciar a ninguém, importa antes de tudo receber o amor de todos.

Querer ser amado por todos é sobretudo não querer perder nenhum objeto de amor.

Encontramos aí um dos componentes preponderantes da histeria: a insatisfação.

A hesitação permanente do histérico

1. Na escolha de uma atividade profissional
2. No momento de uma decisão importante como escolha de um parceiro, se separa ou não, etc.
3. Desenvolve de maneira permanente aquela lamentação de não poder se aproveitar do que possui: "a carreira do outro teria sido mais conveniente", "a mulher do outro teria sido seguramente mais satisfatória, já que mais desejável", "a roupa que não compramos teria sido mais adequada", etc.
4. Colocar em primeiro lugar sua incapacidade de gozar, ou a de não tirar proveito do que ele tem, em prol da lamentação pelo que não tem.

Mesmo obtendo o que não tem, se tal possibilidade lhe for dada, isto levará de qualquer modo a um fracasso, já que sua estratégia é destinada a manter a insatisfação.

Traço de estrutura próprio à histeria masculina:

O fracasso ou o comportamento de fracassado

Quando o histórico consegue obter o que cobiçava no outro, imediatamente apressa-se em fracassar.

O terreno das carreiras profissionais constitui um espaço particularmente privilegiado na medida em que os fracassos aí podem se realizar de uma maneira bastante espetacular sobre o modo vitimista oferecido ao olhar de todos.

Disposmos aí de uma terminologia bem específica para ratificar o que, no fim das contas, não é senão um traço da estrutura histórica: a neurose de fracasso ou a neurose de destino.

Sujeitos históricos demonstram ser, à revelia, os artesãos de sua própria desgraça, no sentido em que parecem não poder suportar obter o que mais desejam: é o **fracasso diante do sucesso**.

Tudo se passa como se o sucesso desencadeasse um mecanismo de autopunição para que a satisfação seja recusada.

Esta compulsão à repetição do fracasso lembra diretamente o que Freud designava como neurose de destino. Esta estratégia sintomática evidencia o indefectível retorno de um encadeamento de acontecimentos dramáticos, onde o sujeito não está implicado sua participação pessoal: "é o destino", "foi a fatalidade mais uma vez".

Como Freud observou muito bem, esta existência de fracasso é modelada previamente pelo sujeito, mas de tal maneira que a repetição de determinações inconscientes toma sempre a envergadura de acontecimentos exteriores imprevisíveis.

Paliativos e processos de super compensações ante a síndrome de fracasso:

Como o fracasso diante do sucesso se estabelece

Tendência ostensivamente mobilizada pelo histórico de mostrar suas ambições, seus dons, suas potencialidades de êxitos.

Tendência vitimista que consiste em imputar à realidade exterior o fracasso da realização. Em outros termos, tudo se passa como se o indício ou o elemento suscetíveis de dar crédito à promoção do sujeito funcionassem como sinais destinados a desencadear o mecanismo de compulsão à repetição.

A partir do momento em que o histórico obtém a garantia de que a promoção de seu desejo é virtualmente realizável, ele se torna imediatamente inapto a assumi-la.

Resulta daí o estabelecimento de estados ansiosos, depressivos, até mesmo de humor, idênticos aos que encontramos na histeria feminina.

É na base desta inaptidão inconscientemente orquestrada pelo histérico que pode se desenvolver toda uma série de processos de super compensação cujas duas opções mais habituais são o alcoolismo e a prática dos tóxicos (nem todos os alcoólatras e toxicômanos são por isso histéricos).

É importante compreender qual é a função exata destas práticas tóxicas no terreno da histeria masculina. O alcoolismo masculino é frequentemente um alcoolismo neurótico que se elabora sobre um fundo de histeria. Álcool e droga permitem, assegurar ao histérico uma nota compensatória em seu ser masculino.

Trata-se de tentar aparecer "como um homem" lá onde precisamente o histórico se queixa de jamais poder chegar a sê-lo. O mediador "tóxico" permite assim ao histórico dar o troco ao outro, quer se trate de uma mulher ou de um homem.

A relação com o sexo no histórico masculino

A problemática singular que o histórico masculino mantém com o sexo inscreve-se logicamente nesta dimensão da relação com o outro em que o sujeito se esforça em querer agradar a todos.

Todavia, esta relação com o outro feminino é de antemão alienada em um certo tipo de representação da mulher como mulher idealizada e inacessível.

Daí o frequente desenvolvimento de comportamentos de evitação em uma confrontação direta e pessoal com a mulher no terreno sexual.

O histérico recorre frequentemente a uma outra manifestação sintomática: a impotência que vem, além disso, reforçar uma compulsão ao fracasso. Que esta impotência seja total ou que se apresente sob a forma abortada da ejaculação precoce, o princípio que governa esta defesa na relação com o sexo do outro permanece idêntica.

Apoia-se num mesmo mecanismo imaginário que leva o histérico a confundir o desejo e a virilidade. Esta confusão tem sua origem numa interpretação particular que o histérico desenvolve face à demanda de uma mulher.

Uma das ilustrações mais características desta problemática histérica nos é dada pelo caso de figura característica do playboy. Para a maioria deles, cada primeiro encontro com uma mulher nova, singularmente, se solda pela expressão da sua impotência. Isto não é tão enigmático quanto parece à primeira vista, desde que se distingam os mecanismos inconscientes que estão operando

No playboy, pode-se pôr em evidência a conjunção de diversos traços sintomáticos que contribuirão para induzir este processo de impotência. Existe, desde já, uma relação inconsciente com a mãe, muito significativa.

Deste ponto de vista, podemos considerar a impotência como uma resposta à demanda inconsciente da mãe: ele se prende ainda a ela.

Por esta razão ele se expõe em numerosas experiências, onde o fracasso sexual mais ou menos parcial é testemunho de que nenhuma mulher pode mobilizar o seu desejo.

Outra maneira de significar que o histérico não tem o falo, pelo menos na medida em que sua mãe pôde lhe dar a entender que ela o tinha, talvez.

Da mesma forma, ela pode ter lhe dado a entender ser ele este falo. Encontramos aí uma configuração fálica frequente, pela qual homens foram colocados, em criança, em situação de objetos de compensação da carência materna.

A impotência se revela, então, como um compromisso entre aquilo através do que uma mulher pode gozar (é a prova fálica supostamente exigida pela mulher) e a fidelidade à mãe, apresentando-se a uma mulher como um objeto de representação e não como um objeto de "consumo" possível.

Na realidade, este processo se traduz pela obsessão permanente do playboy: ter determinada mulher, depois, outra ("aquela ali, eu a terei..."). A mulher é, então, investida como um troféu que permite, no plano de uma exibição ostensiva da virilidade, sustentar a rivalidade com os outros homens, isto é, aqueles que o histérico está certo que têm o falo.

A ejaculação precoce que não é senão um orgasmo precipitado se origina num processo psíquico um pouco diferente da impotência, mas se inscreve na mesma problemática.

A ejaculação precoce dá testemunho de um perigo imaginário ao nível do ato sexual com uma mulher. Mesmo sendo possível, este ato sexual comporta sempre um risco: o de não poder demonstrar à mulher que o homem tem o falo, e que pode, então, assumir seu ato até o fim.

O desfecho é sempre o mesmo: uma mulher só poderá gozar se o homem lhe administrar a prova do seu domínio fálico. Compreende-se o porquê desta performance imaginária ser fortemente ansiógena. Aqui, será a angústia que irá, simultaneamente, entrar em curto-circuito e precipitar o processo.

O objetivo esperado, que é particularmente ameaçador, é o gozo feminino.

Ora, para a histeria masculina, apenas aquele que tem o domínio absoluto do falo pode assumir o gozo feminino, quer dizer, dominá-lo.

O gozo da mulher é, com efeito, sempre percebido como um fracasso diante do poder fálico vitorioso.

Não tendo o atributo que lhe permitiria conquistar esta vitória, o histérico só pode se sentir sujeitado ao poder daquele que o tem. Inconscientemente, ele se fecha nessa dimensão imaginária de capitulação diante desse poder fálico. Do mesmo modo, ele inconscientemente identifica-se com a parceira feminina e goza por ejaculação precoce, como imagina gozar uma mulher, sucumbindo ao poder fálico.

Encontram-se nesses homens construções fantasmáticas significativas: os verdadeiros homens viris. Esses homens a quem basta penetrar as mulheres para que elas gozem instantaneamente; ou mesmo o fantasma do super-homem que sabe fazer gozar todas as mulheres, aquele que acerta as contas com qualquer frigidez feminina, que faz com que as mulheres gozem repetidamente, aquele a quem as mulheres pedem por piedade ou que suplicam que pare, sucumbindo num desmaio do gozo...

A estrutura obsessiva

Ao contrário do histérico, o obsessivo sente-se amado demais pela mãe. Se bem que este fato pareça incontestável em todas as problemáticas obsessivas, em nada constitui elemento pertinente, que permitisse opor tão facilmente o obsessivo ao histérico. Prova disso seria tratar-se também de elemento conjuntural muito frequentemente identificável em organizações perversas. Do ponto de vista do diagnóstico, não podemos apoiar-nos neste elemento de observação.

Pôr em evidência que o obsessivo é um sujeito que se sentiu amado em demasia por sua mãe é apontar algo específico do ponto de vista da função fálica. De fato, o obsessivo se manifesta frequentemente como um sujeito que foi particularmente investido como objeto privilegiado do desejo materno, privilegiado em seu investimento fálico.

Descobre-se sempre na história dos obsessivos a menção a uma criança que teria sido a preferida pela mãe, ou que, pelo menos, pôde, num dado momento, sentir-se privilegiada junto a ela.

Nos jogos do desejo mobilizados pela lógica fálica, esse "privilégio" desperta necessariamente, na criança, um investimento psíquico precoce e preponderante que consiste, para ela, em se constituir como objeto junto ao qual a mãe supostamente irá encontrar o que não consegue encontrar junto ao pai.

Em outras palavras, a criança é presa nesta crença psíquica: a mãe poderia encontrar nela o que supostamente espera do pai.

Por menos que certas ambiguidades sejam significadas, no discurso da mãe, a propósito da "localização" do objeto do desejo, a criança, então, poderá se instalar imaginariamente num dispositivo de suplência à satisfação do desejo materno.

Se este fosse o caso, estaríamos em presença de linhas de determinações favoráveis à organização de perversões, ou mesmo de psicoses. Trata-se, antes, aqui, de suplência à satisfação do desejo da mãe.

O que faz supor que essa satisfação foi designada à criança como falha. Toda a ambiguidade evocada precedentemente reside justo em torno desta dependência do desejo da mãe, e malgrado ela, pode se reduzir a duas significações que não se recobrem completamente.

De um lado a criança percebe que a mãe é dependente do pai do ponto de vista do seu desejo; mas, por outro lado, não parece receber por inteiro do pai o que espera.

Esta lacuna na satisfação materna induz, junto à criança que se faz testemunha disto, a abertura favorável para uma suplência possível.

A criança é confrontada com a lei do pai, mas mantém-se também subjugada pela mensagem de insatisfação materna.

Neste ponto, uma precisão merece ser dada: a mãe não aparece, aos olhos da criança, como radicalmente insatisfeita. No máximo, trata-se de uma vacância parcial desta satisfação, a partir da qual a mãe vai tentar uma suplência, buscando um complemento possível junto à criança.

E neste sentido, e apenas neste sentido, que o obsessivo é objeto de um investimento particular que lhe dá a convicção de ter sido a criança preferida, privilegiada.

Mas, repito, o privilégio nunca passa de suplência à satisfação falha do desejo materno.

Se a criança é logicamente levada à lei do pai pela referência do discurso materno que aí inscreve o seu desejo, essa suplência não deixa de constituir um apelo de oferecimento para uma persistência da identificação fálica. Da mesma forma, existe sempre no obsessivo uma incerteza constante entre o retorno regressivo a uma identificação assim, e a obediência à Lei e às implicações que esta supõe.

Por mais que este retorno ao ser seja fortemente cobijado em vista da satisfação falha do discurso materno, ele nunca é plenamente conseguido. Já essa "nostalgia" sintomática revela certos traços estruturais característicos da economia obsessiva do desejo. Da mesma maneira, visto que o reconhecimento do pai simbólico se suporta com certas ambiguidades, ele será também objeto de notáveis manifestações.

Essa dúvida permanente se ilustra sobretudo pela atitude de fuga adiante que o obsessivo não para de atualizar em vista do seu desejo.

Partamos deste ponto indutor da neurose obsessiva: o signo do desejo insatisfeito da mãe, que inscreve a criança, junto a ela, na relação singular precedentemente evocada.

A marca da falha na satisfação do desejo materno se apoia precocemente na criança, ajudada pela relação dual privilegiada que ela mantém com a mãe.

Logo cedo, a criança percebe os indícios significantes.

Um dos primeiros elementos desta abordagem tem sua origem na teoria da sedução, a qual, aliás, é apresentada por Freud como tendo um papel preponderante na concepção psicanalítica geral da etiologia das neuroses. Entretanto, muito rapidamente, Freud amenizou bastante essa incidência da sedução, como se vê em sua carta a Fliess, de 21 de setembro de 1897, onde parece inclusive recusar suas primeiras posições.

Não se trata, no entanto, aí, de um puro e simples abandono. No máximo, ele renuncia ao alcance sistemático da função da sedução enquanto elemento indutor da problemática neurótica. Em outras palavras, a incidência da sedução deve ser minimizada no cortejo dos mecanismos indutores das neuroses. O que Freud pressentira nesta vertente da sedução materna, aparece, com efeito, como ocorrência determinante na medida em que podemos exatamente localizar o ponto de impacto: a falha da satisfação do desejo materno, precocemente significada à criança.

Como veremos, é o significante desta falha que induzirá, junto à criança, uma vivência psíquica singular, sentida como sedução.

Referências

- BERLINCK, Manuel (org.). Obsessiva Neurose. São Paulo: Editora Escuta, 2005.
- BOUVET, Maurice. (2005) O ego na neurose obsessiva. Relação de objeto e mecanismos de defesa. In: BERLINCK, Manuel (org.). Obsessiva Neurose. São Paulo: Editora Escuta, 20015; pp. 51-124.
- BION, W. R. (1962) O Aprender com a Experiência. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1997, 141p.
- BIRMAN, J. Mal-estar na atualidade. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1999.
- CROMBERG, Renata. (2014) Prefácio: O romance da neurose obsessiva. In: DELORENZO, Rubia. Neurose Obsessiva. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2014; pp. 13-23.
- DELORENZO, Rubia. Neurose obsessiva. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2014.
- GURFINKEL, Décio. (2005) Ódio e inação: o negativo na neurose obsessiva. In: BERLINCK, Manuel (org.). Obsessiva Neurose. São Paulo: Editora Escuta, 2005; pp.237-294.

FREUD, S. Rascunho K. As neuroses de defesa (1896). In: _____. Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos (1886-1889). Direção-geral da tradução de Jayme Salomão. Rio de Janeiro: Imago, 1996. p. 267-276. (Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud)

LACAN, J. O seminário, livro 10: a angústia (1962-1963). Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução de Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Zahar, 2005. (Campo Freudiano no Brasil).

LACAN, J. O seminário, livro 20: mais, ainda (1972-1973). Texto estabelecido por Jacques-Alain Miller. Tradução de M. D. Magno. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008. (Campo Freudiano no Brasil).

Nasio, J. D. A histeria, teoria e clínica psicanalítica. Rio de Janeiro, Zahar, 1991.

SCHOPENHAUER, Arthur. (1851) Seis ensaios de Parerga e Paralipomena, pequenos escritos filosóficos. Trad. Rosana Jardim Candeloro. Porto Alegre: Zouk, 2016.